

Sarney diz que dá total apoio à forma como Bresser negocia a dívida

por Celso Pinto
de Washington

O presidente José Sarney tem reafirmado, por telefone, seu pleno apoio às negociações da dívida externa, assegurou ontem, à imprensa, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. "Ele está satisfeito com o que está acontecendo", definiu o ministro.

Ao longo desta semana de conversas e negociações com os credores, Bresser Pereira teve vários contatos telefônicos com o presidente da República. Sarney teria manifestado, nestas conversas, seu respaldo ao ministro.

Na verdade, esta viagem tem sido um teste ao sangue frio de membros do governo e de empresários que vieram à reunião anual do FMI e do Banco Mundial. O mesmo tipo de receio de um confronto com os banqueiros ou, pior, de alguma ruptura com o sistema econômico e financeiro internacional que, pelo que se sabe, preocupa, em Brasília, alguns assessores próximos ao presidente, surgiu em Washington.

Bresser Pereira sempre manteve uma atitude firme. Apoiado na convicção de que a moratória é uma arma importante na negociação, da qual o Brasil não deve abrir mão antes de obter um acordo favorável dos bancos, o ministro atravessou as pressões vindas especialmente dos bancos sem grandes desvios. Alguns de seus assessores, contudo, estão muito mais preocupados do que ele com a hipótese de um colapso que uma eventual reclassificação dos empréstimos brasileiros provocaria.

O Planalto, segundo informações qualificadas, quer evitar esta hipótese a qualquer custo e teria deixado claro à Fazenda que o Brasil deve fazer um pagamento simbólico ("token payment") de juros aos bancos se este for o preço a pagar. A preferência por um molde mais convencional de negociação é encontrável entre funcionários do governo brasileiro envolvidos nas discussões e é largamente majoritário entre os banqueiros brasileiros presentes à reunião de Washington.

Bresser Pereira ouviu de alguns banqueiros brasileiros sua preocupação com os problemas que os bancos norte-americanos terão ao final do ano caso a moratória prossiga, mesmo que

seja possível adiar a reclassificação dos empréstimos em outubro. Tal preocupação se justifica no caso dos bancos brasileiros que têm agências no exterior, pelas repercussões que haveria no acesso aos recursos internacionais, especialmente de curto prazo.

O ministro tem, aparentemente, minimizado a hipótese de que um problema maior aconteça. O economista Jeffrey Sachs, que assessorou o governo boliviano numa bem sucedida e anticonvencional negociação da dívida, dá inteira razão a ele.

Sachs disse a este jornal que, como os bancos, na prática, já absorveram o prejuízo embutido nos empréstimos ao País, refletido inclusive no preço de suas ações, mesmo uma reclassificação não teria maiores reflexos. Seria um problema contábil, nada mais.

De outro lado, sua experiência pessoal, no caso da negociação boliviana, indica que as concessões inovadoras só surgem a partir da manutenção de uma postura firme. "Muitas vezes, no caso da Bolívia, houve ameaças e pressões, mas a firmeza do governo acabou levando os bancos a aceitarem as bases inovadoras sugeridas", diz Sachs. O acordo da Bolívia abre caminho para uma virtual eliminação da dívida externa, com os bancos, através da recompra da dívida pelos preços desagiados de mercado (onde cada dólar pode ser recomprado por cerca de 10 centavos).

No caso do Brasil, a questão central é, em sua opinião, a manutenção da moratória. Cedendo neste ponto, o Brasil terá de ceder nos demais e certamente não conseguirá obter uma solução duradoura para a dívida. De outro lado, ele está convencido de que a troca da dívida por títulos é factível e até desejável pelos bancos. A resistência se dá apenas por seu caráter inovador.

Sachs tem sido um conselheiro informal do governo brasileiro na questão da dívida e é fácil perceber a proximidade de suas convicções com as do ministro Bresser Pereira. O próprio Sachs, contudo, identifica posições muito mais receosas entre alguns assessores do ministro e junto a outros setores do governo.

Os banqueiros, obviamente, sabem disso.